

APRESENTAÇÃO E RESULTADOS

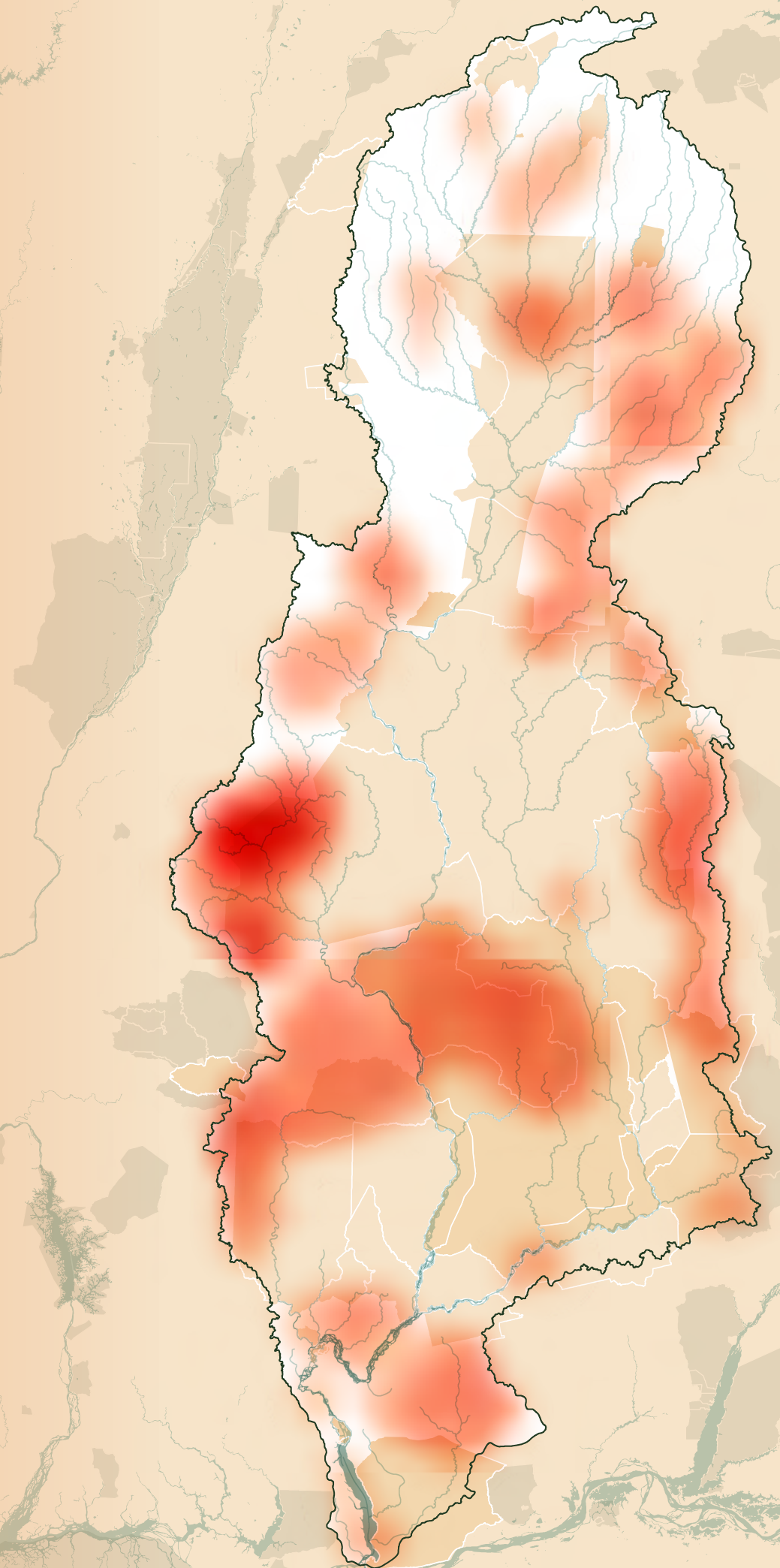
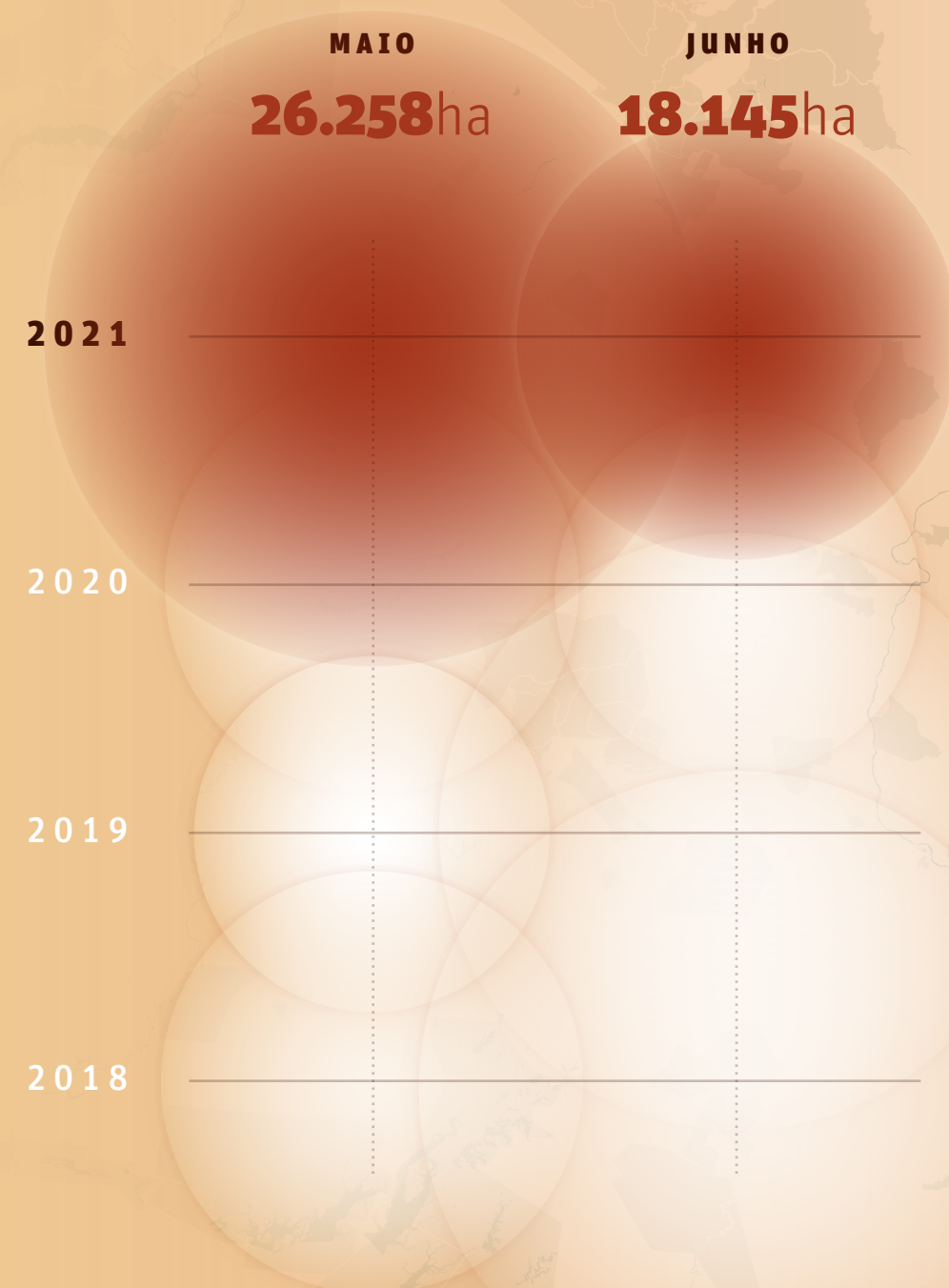
MUNICÍPIOS

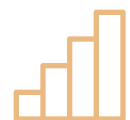
TERRAS INDÍGENAS

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

ÁREA CRÍTICA

↑35% *de aumento em relação ao mesmo período do ano passado*





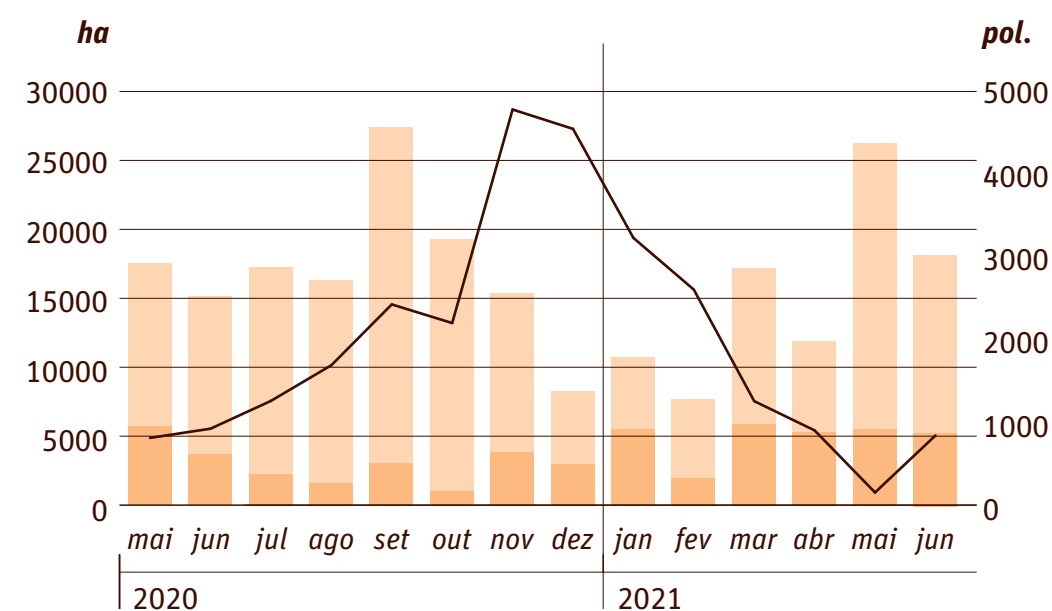
APRESENTAÇÃO E RESULTADOS

44.403ha

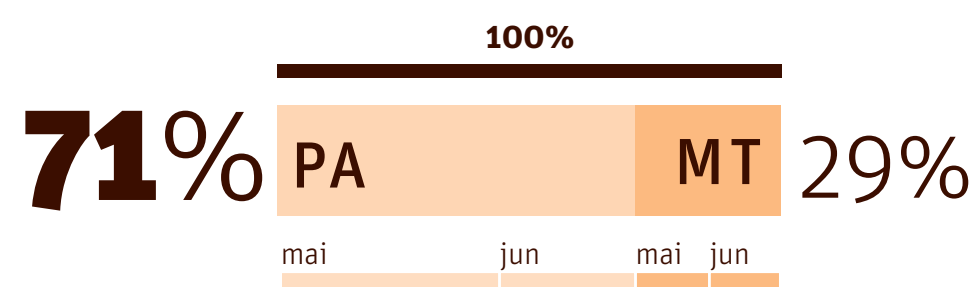
foram desmatados em dois meses na bacia do Xingu

Mais de 44,4 mil hectares foram desmatados em maio e junho na bacia do Xingu, o que representa um aumento de 35% em relação ao mesmo período do ano passado. O mês de maio surpreendeu com 26.258 ha de floresta derrubada, registrando a segunda maior taxa de desmatamento desde o início do monitoramento do SIRAD X, em janeiro de 2018.

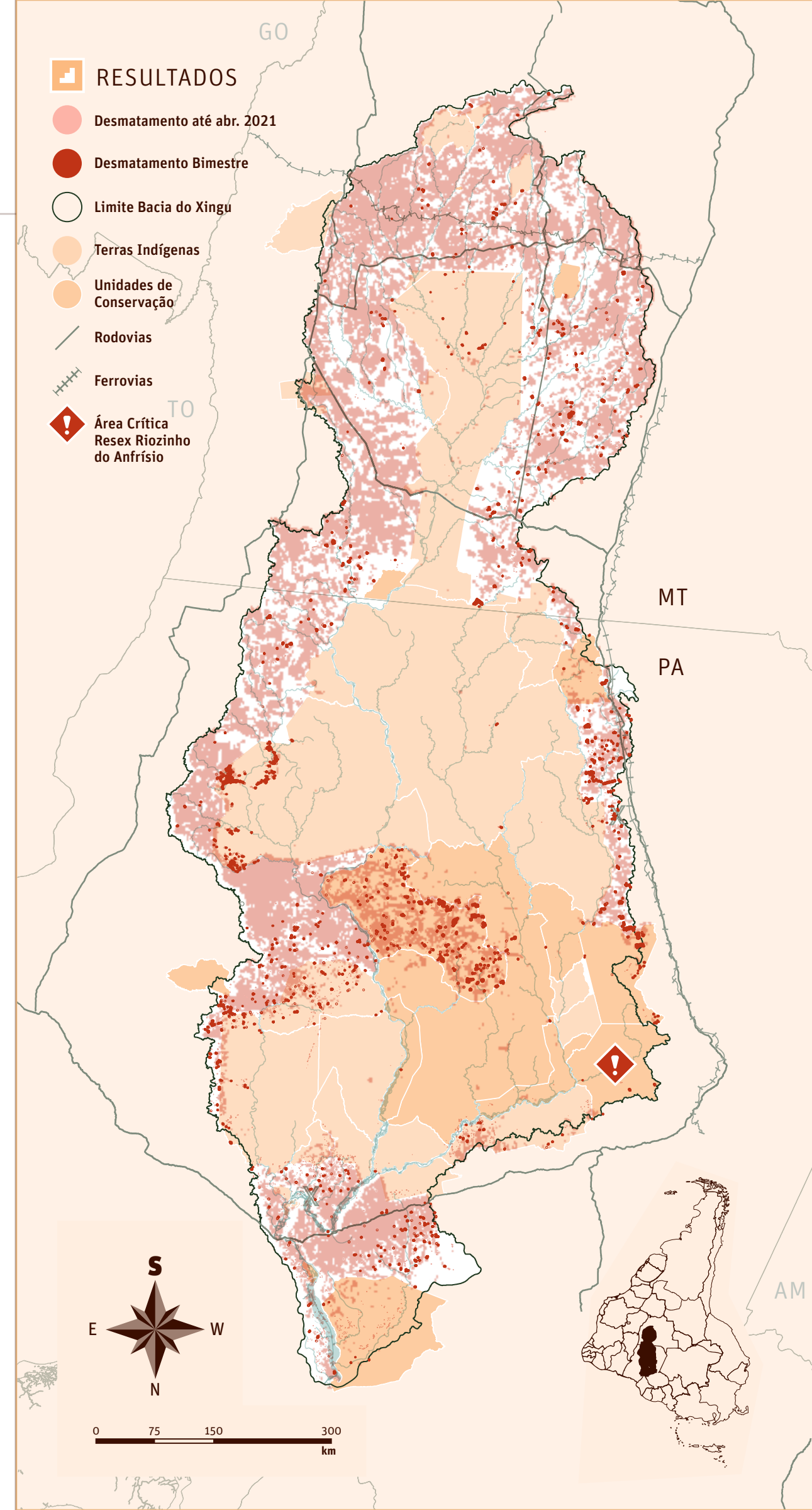
Em junho, o desmatamento na bacia foi 19% maior que no mesmo período em 2020. O semestre fecha com 92.104 ha de supressão de mata nativa da bacia do Xingu, superando as taxas dos últimos 3 anos. A área desmatada é equivalente a duas vezes o tamanho do município de Recife, capital de Pernambuco.



— Nº de Polígonos
 Pará/Área desmatada
 Mato Grosso/Área desmatada



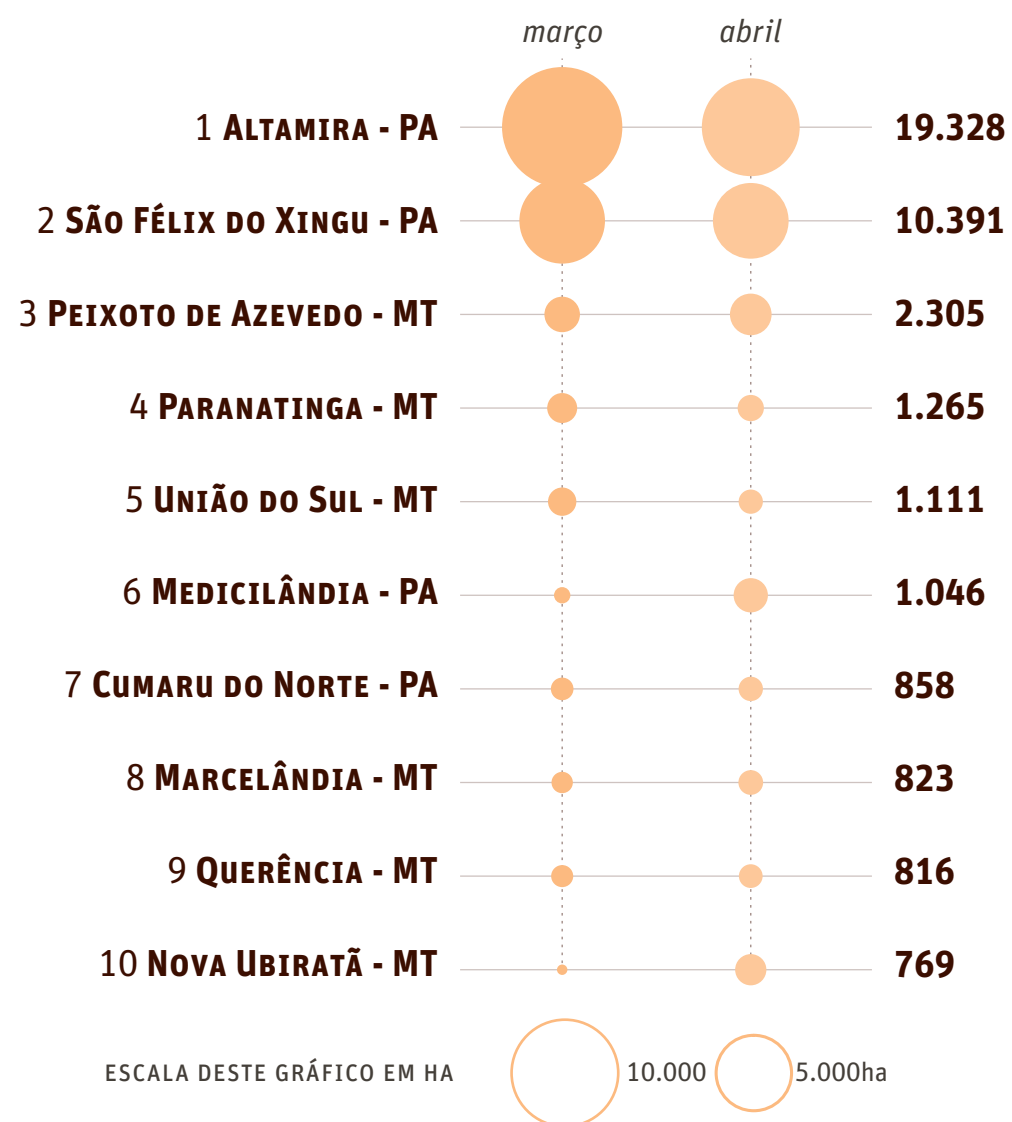
Desmatamento detectado em mai. e jun. de 2021 na bacia do Xingu por estado



67%

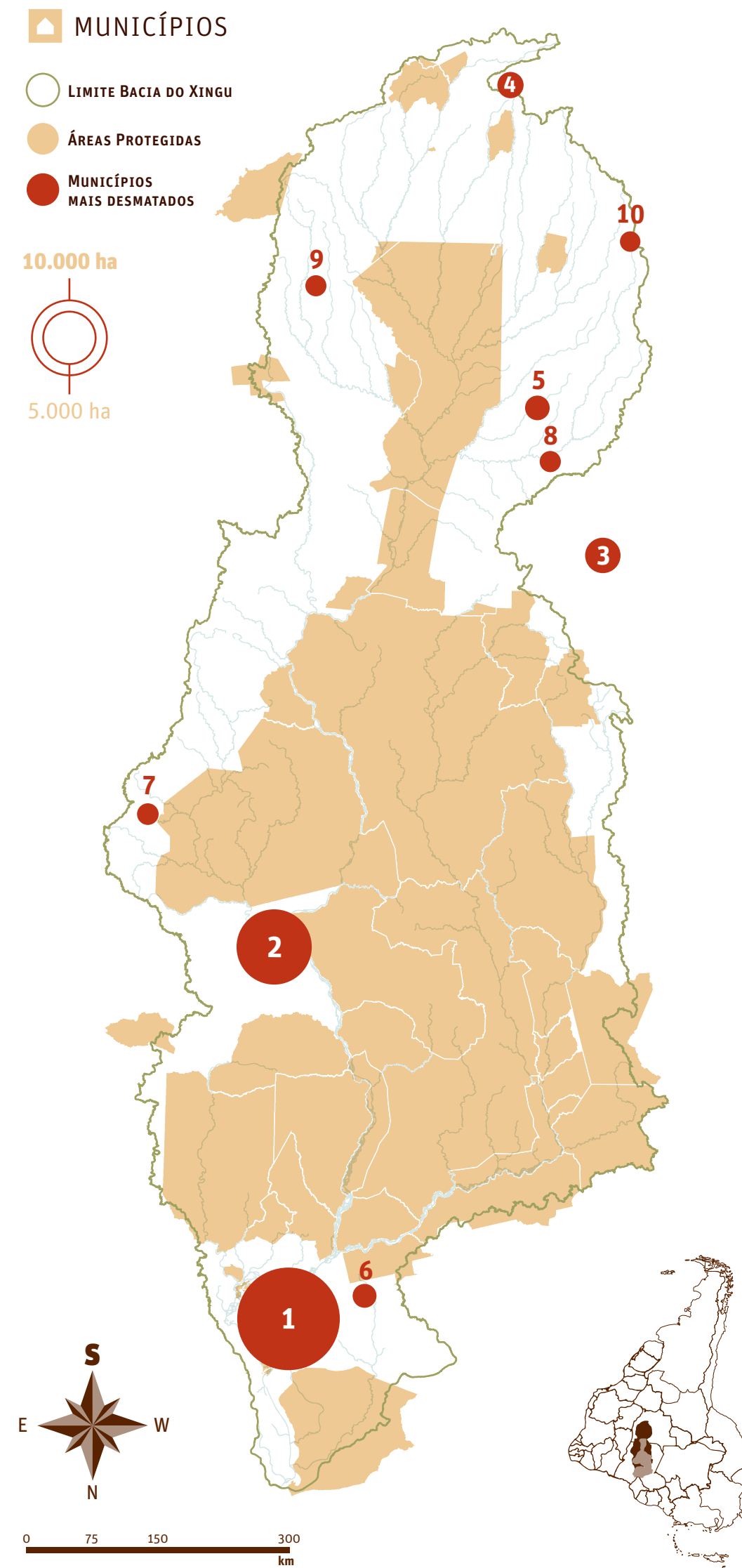
do desmatamento da bacia concentra-se em Altamira e São Félix do Xingu.

A região paraense da bacia foi responsável por 76% do total de desmatamento detectado no período, correspondendo a 33.588 ha. Isso se deve às altas taxas de desmatamento dos municípios de Altamira e São Félix do Xingu, que juntos concentram mais da metade (67%) de toda derrubada de floresta. O desmatamento no município de Altamira, primeiro lugar no ranking, está distribuído em duas regiões principais: a região de influência da BR-163 e a APA Triunfo do Xingu. A maior parte do desmatamento de São Félix do Xingu também se localiza na APA, além das Terras Indígenas Apyterewa e Trincheira Bacajá. Assim, este município concentra mais de 77% do seu desmatamento dentro de Áreas Protegidas. Altamira e São Félix do Xingu também são os municípios que mais desmatam na Amazônia, e, por consequência, são os que mais emitem CO2 no país, o principal gás do efeito estufa. O aumento no desmatamento e a conversão da floresta em outros usos como pastagem não só está acelerando as mudanças climáticas, como também



promovendo mudanças no regime das chuvas e nas condições da estação seca da região.

No Mato Grosso, Peixoto de Azevedo foi o município que mais desmatou com 2.305 ha, em que 100% do desmatamento é ilegal. A maior parte foi desmatada em duas grandes áreas vizinhas, que juntas contabilizam 2.111 ha, próximas ao limite sul da Terra Indígena Menkragnoti.

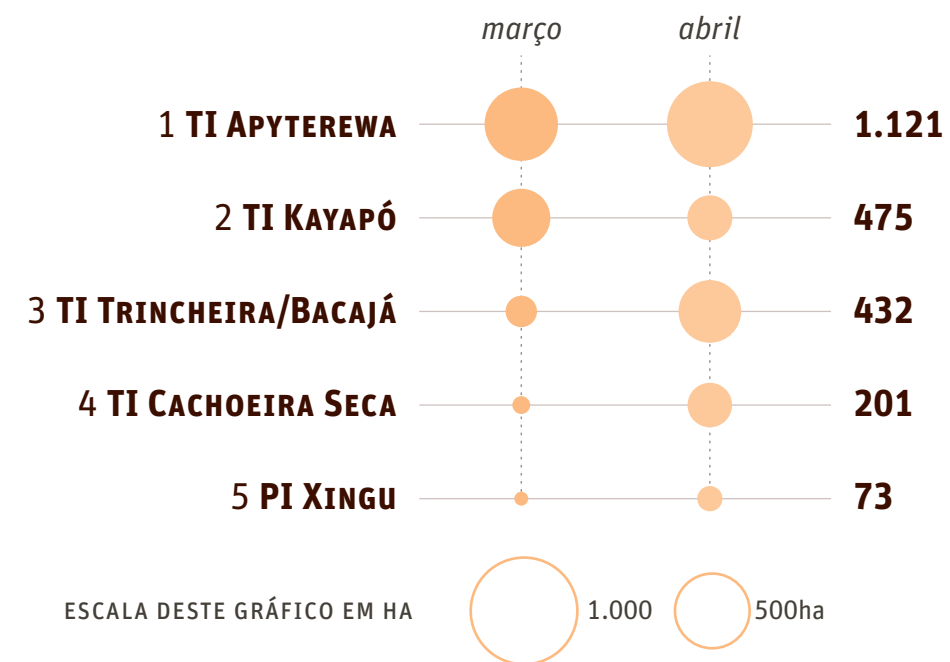


2.349ha

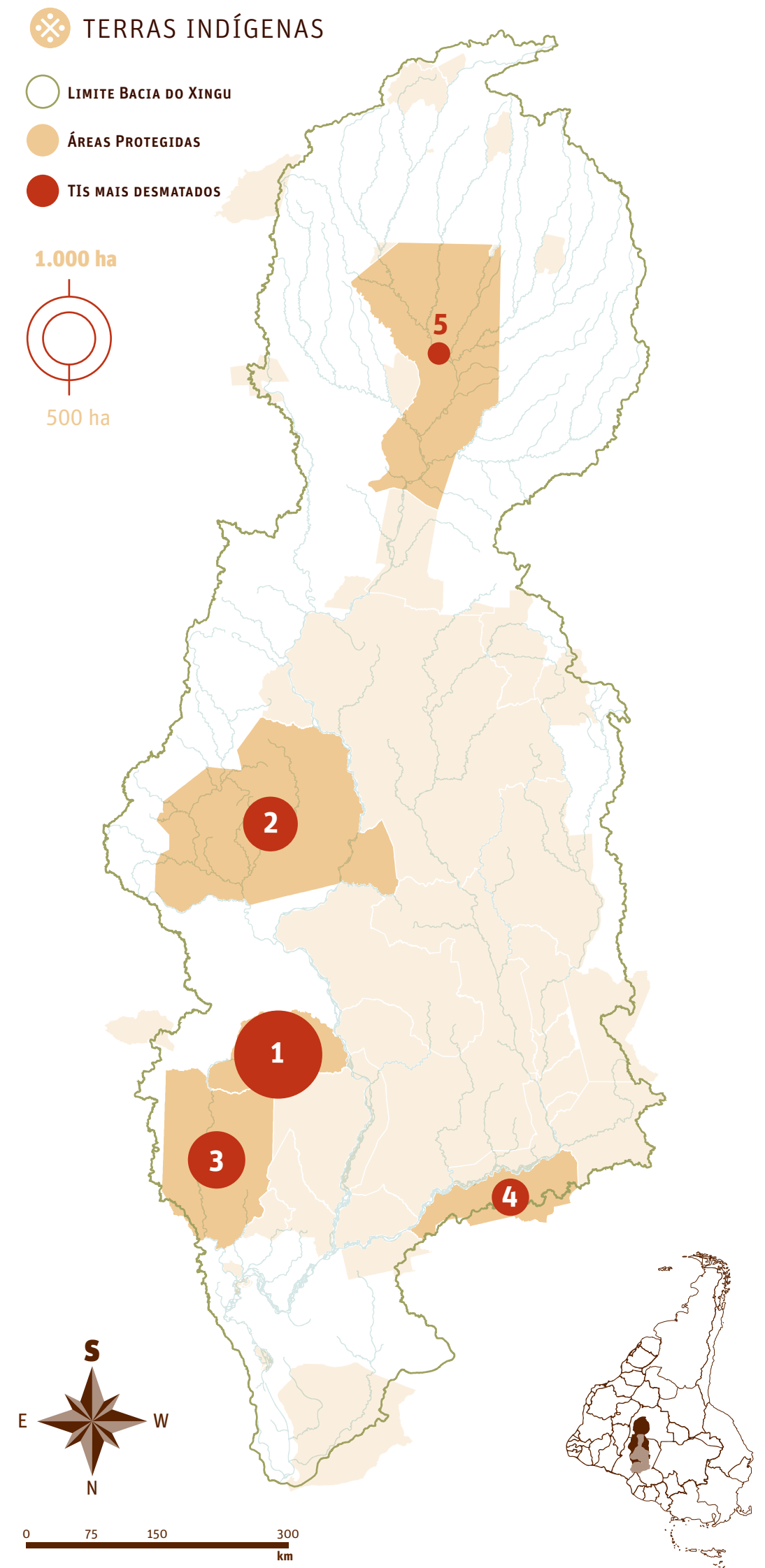
foram desmatados em maio e junho nas Terras Indígenas da bacia do Xingu

Aumenta o desmatamento dentro das Terras Indígenas do Corredor Xingu. Nos meses de maio e junho, as taxas de derrubada de floresta aumentaram 201% em relação ao mesmo período do ano passado. Ao se comparar com os dois meses anteriores, março e abril, o crescimento foi de 321%.

Essas taxas se devem à retomada do desmatamento nas Terras Indígenas Apyterewa, Trincheira/Bacajá e Cachoeira Seca, todas na região de influência da Usina Hidrelétrica Belo Monte. Na Apyterewa, TI mais desmatada do bimestre, mais de 1.269 ha foram derrubados nos primeiros 6 meses de 2021, 51% somente em junho. Na Trincheira/Bacajá, foram desmatados, nos meses de maio e junho, 432 ha nas frentes de invasão nordeste e sudeste. Esse valor representa mais de três vezes o total desmatado nos primeiros quatro meses do ano, entre janeiro e abril. O desmatamento nessas duas Terras Indígenas é decorrente da grilagem de terras e mineração ilegal.



Na Terra indígena do povo Arara, a Cachoeira Seca, o desmatamento deu um salto, passando de 3 hectares desmatados em março e abril para 202 ha em maio e junho. Operação da Polícia Federal realizada em julho deste ano flagrou o roubo de madeira nesta TI.





UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

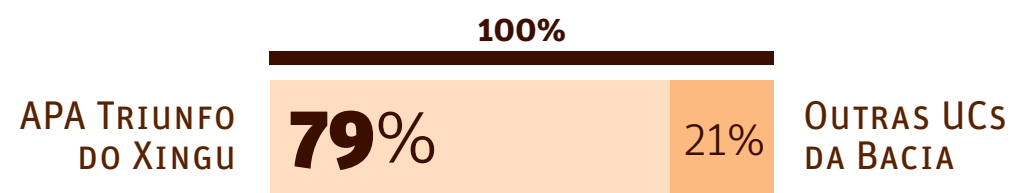
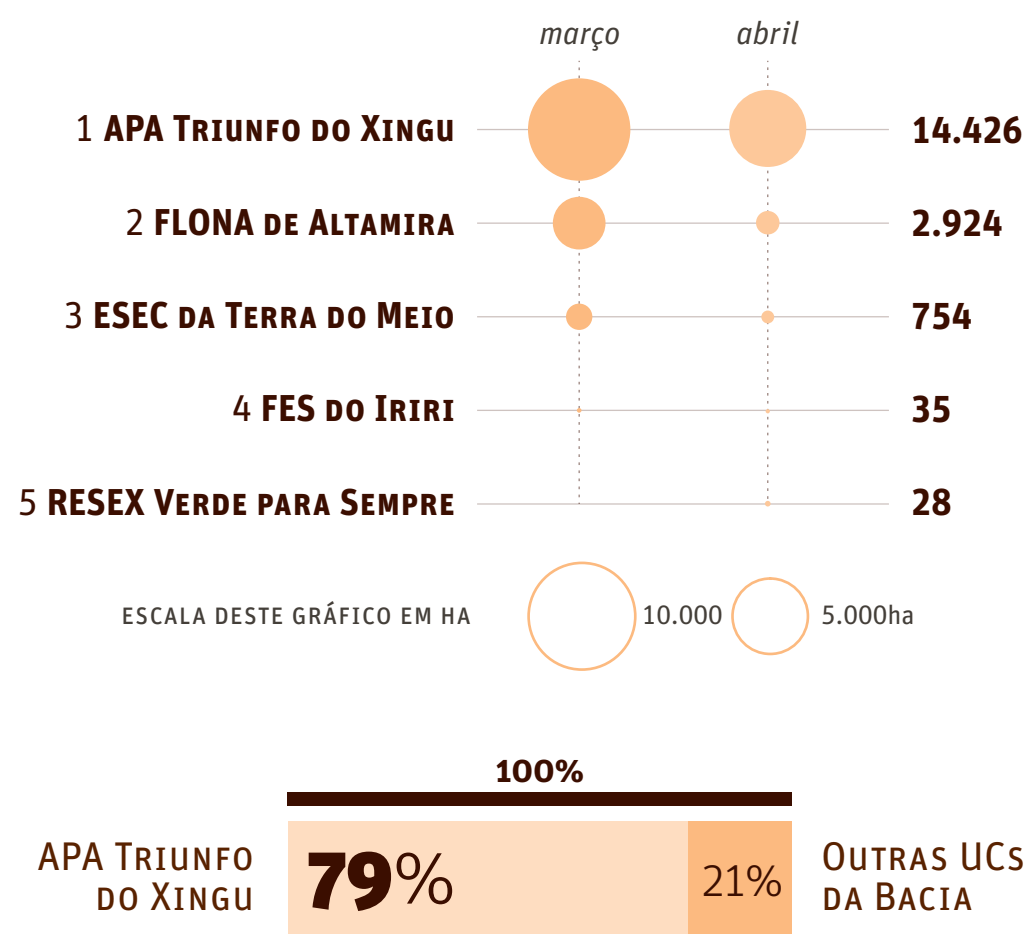


2.439ha

No mês de maio foram desmatados 2.439 na Flona de Altamira, sua maior taxa registrada desde janeiro de 2018

O desmatamento nas Unidades de Conservação da bacia também subiu neste bimestre com mais de 18,1 mil ha de derrubada, 65% a mais que em maio e junho de 2020. A maior parte, 79%, está concentrada na APA Triunfo do Xingu. Em maio e junho, a APA perdeu 14.426 ha de floresta, numa velocidade de 94 árvores por minuto. O desmatamento nessa UC pressiona as Áreas Protegidas vizinhas como a ESEC Terra do Meio e o Parque Nacional da Serra do Pardo, ambas Unidades de Conservação de Proteção Integral.

No segundo lugar do ranking, a Flona de Altamira registrou no mês de maio sua maior taxa de desmatamento desde janeiro de 2018, em único mês 2.439 ha foram desmatados. Essa UC, que está na região de influência da BR-163, tem sofrido com a intensificação das invasões e grilagem de terras no seu limite sudoeste. Ao norte de seu território, continua avançando duas outras frentes de desmatamento movidas pela mineração ilegal.



UN. DE CONSERVAÇÃO

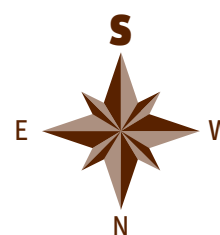
LIMITE BACIA DO XINGU

ÁREAS PROTEGIDAS

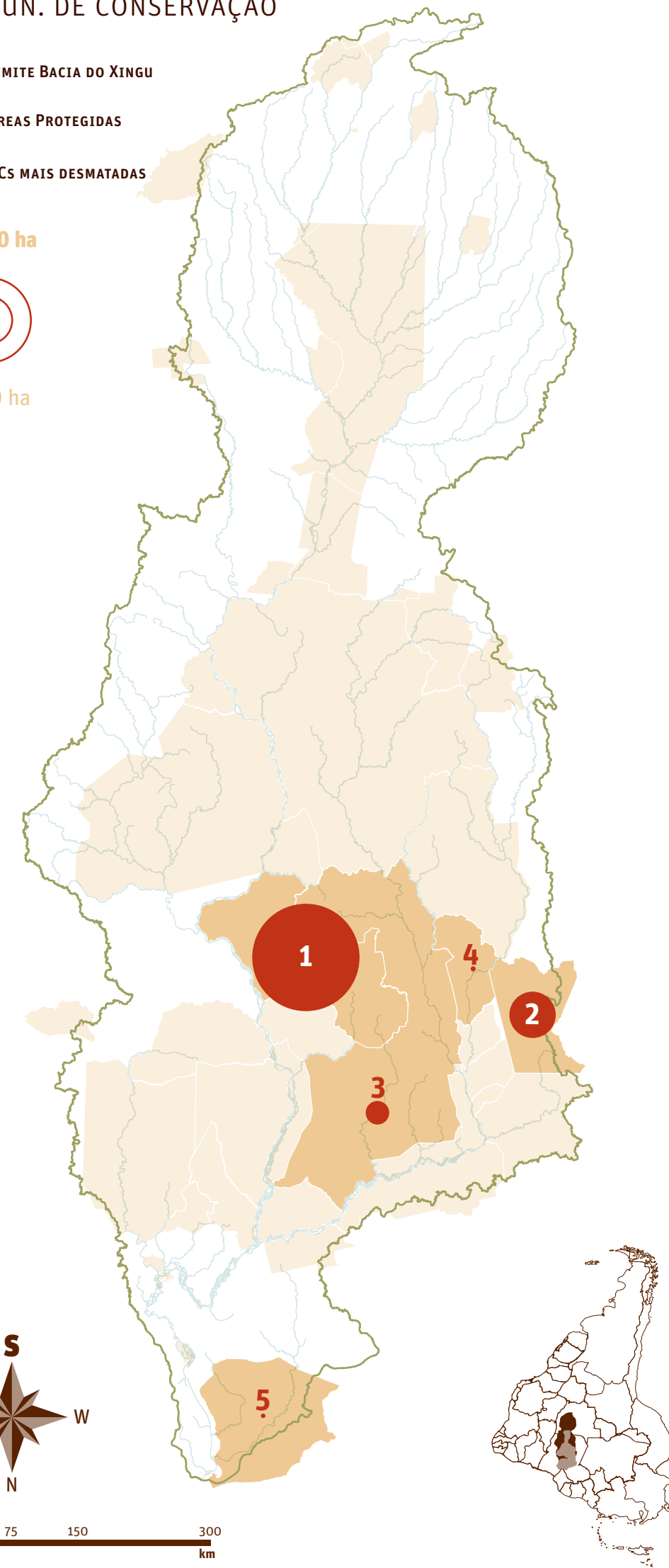
UCS MAIS DESMATADAS

10.000 ha

5.000 ha



0 75 150 300 km



← ANTERIOR

PRÓXIMO →



Resex Riozinho do Anfrísio

A Reserva Extrativista (Resex) Riozinho do Anfrísio foi palco de conflitos fundiários desde antes de sua criação, e ainda hoje, enfrenta problemas como a grilagem de terras, invasões, roubo de madeira e mineração ilegal.

Após 14 anos de inatividade, o garimpo Fortaleza, maior garimpo da UC, foi reativado em 2018. No mesmo ano, um novo garimpo conhecido como “SW” foi aberto no extremo sudoeste da Área Protegida. Em 2021, a partir do mês de abril, foram detectadas novas aberturas pela atividade de mineração no limite noroeste da Resex com a Flona do Trairão. Desde 2018, foram desmatados cerca de 40 hectares pela mineração na Resex Riozinho do Anfrísio.

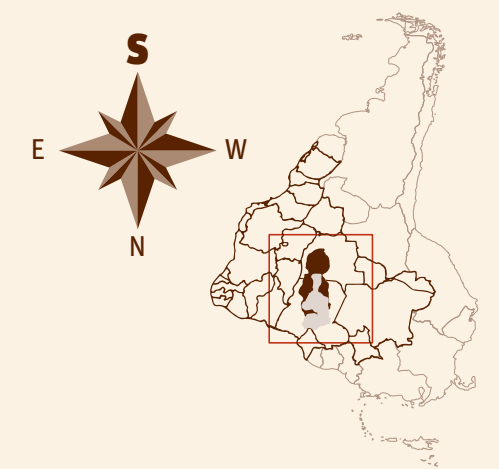
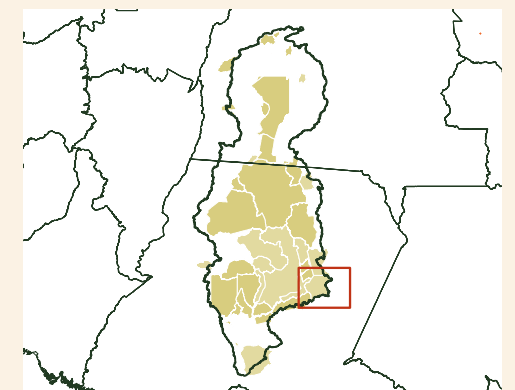
Segundo dados da Organização Conservation Strategy, os impactos econômicos desse desmatamento superam R\$ 119 milhões. O resultado contabiliza as perdas dos serviços ecossistêmicos, dos recursos florestais madeireiros e dos gastos necessários de recuperação

da área. São considerados também os gastos com saúde gerados pela contaminação da população pelo mercúrio que é usado para extrair ouro de outros minérios. O mercúrio é despejado nos rios e transformado em metilmercúrio, uma forma ainda mais tóxica, sendo absorvido pela microbiota e peixes que podem migrar até 2000 km.

Os garimpos Fortaleza e o da região noroeste contaminam os igarapés, e, com isso, o rio Riozinho do Anfrísio. Nas margens desse rio vivem as comunidades ribeirinhas, que já relataram piora na qualidade da água. Dezenove comunidades de beiradeiros podem estar sendo afetadas pelo consumo de peixes contaminados, que põe em risco a segurança alimentar e os meios de subsistência das famílias beiradeiras, que contam com o peixe como a principal proteína de origem animal da sua dieta.



- Comunidades Ribeirinhas
- ▭ Localização dos Garimpos
- Desmatamento - SIRAD X 2021
- Desmatamento SIRAD X Jan/18 - Dez/20
- Desmatamento acumulado até 2017
- Terras Indígenas
- Unidades de Conservação
- Limite Bacia do Xingu
- Corpos D'água



Veja os polígonos de desmatamento atualizados mensalmente no Observatório Xingu:

<https://www.xingumais.org.br/observatorios/degradacao>

Cadastre-se para receber o Boletim SIRAD X e os alertas de desmatamento publicados mensalmente.

Escreva um email para a gente no deolhonoxingu@xingumais.org.br

O Boletim SIRAD X é publicado a cada dois meses na Plataforma Rede Xingu+ (www.xingumais.org.br)

Os polígonos e boletins estão disponíveis em <http://bit.ly/SIRADX>

Sirad X

Sistema de indicação por radar de
desmatamento na bacia do Xingu

